



Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

Frida Vingren e Ruth Doris Lemos: mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil

Miquéias Machado Pontes¹

RESUMO

A relevância das mulheres na história das Assembleias de Deus no Brasil demonstra o quanto a participação delas, desde o início até o desenvolvimento de tal Igreja, é de extrema importância, apesar de as mesmas ainda não serem ordenadas ao ministério, servindo de forma indireta no serviço pastoral. A participação, desde a formação da Instituição, até a qualificação dos obreiros tem sido basilar, como demonstra a história dessas duas personagens, Frida Vingren e Ruth Doris Lemos. As mulheres participaram de maneira fundamental desde o início e participam até os dias de hoje na realização, na direção e na gestão da igreja, porém, a única função vedada a elas é o exercício pastoral formal.

Palavras-chaves: gestão eclesial, ministério feminino, ordenação feminina, mulheres, Assembleia de Deus.

ABSTRACT

The relevance of women in the history of the Assemblies of God in Brazil demonstrates how much their participation, from the beginnings to the present development of the denomination, is extremely important, even though they are not yet allowed to be ordained, serving as they do in pastoral ministry indirectly. Their participation, from the founding of the institution to the education of ministers, has been fundamental, as can be seen from the stories of Frida Vingren and Ruth Doris Lemos. Women have participated in important ways from the beginning, and have continued to do so in the implementation, leadership and administration of churches, even if barred from formal pastoral ministry.

Keywords: ecclesiastical administration, female ministry, female ordination, women, Assemblies of Go

¹Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, e professor da Faculdade Boas Novas em Manaus, AM.

INTRODUÇÃO

A relevância das mulheres na história das Assembleias de Deus no Brasil é incontestável. São milhares de mulheres que atuaram desde a fundação, consolidação, expansão e conquistas de tal denominação evangélica. Elas estão espalhadas pelo Brasil em plena militância na promulgação do Evangelho do Senhor Jesus, atuando de acordo com o lema da denominação: “Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará”.¹

Algumas são mencionadas nos anais da história desta denominação. Outras são esquecidas nos encostos e beiradões desses brasis. Muitas poderiam estar presentes nessa pesquisa, porém as duas escolhidas estão destacadas pela participação na Fundação das Assembleias de Deus no Brasil, na figura de Frida Vingren, e pela participação na formação e na qualificação dos obreiros da instituição, na figura de Ruth Doris Lemos.

A história da atuação feminina nas Assembleias de Deus no Brasil revela que as mulheres participaram de maneira fundamental desde o início e participam até os dias de hoje na realização, na direção e na gestão da igreja. Esse trabalho é exercido por meio de várias funções eclesiais como oração, ministração do louvor, limpeza, organização, evangelismo, utilização dos dons espirituais, como profecias, a glossolalia,² o ensino, as missões, as obras sociais, auxílio e, muitas vezes, direção dos trabalhos administrativos. A única função vedada às mulheres é o exercício pastoral formal.

1. O PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO BRASILEIRO: ALGUNS APONTAMENTOS

O Pentecostalismo brasileiro ficou conhecido pela sua capacidade de crescimento e, ao mesmo tempo, de fragmentação. Assumiu culturas, tendências e se adaptou aos muitos contextos brasileiros. Ao se falar de pentecostalismo assembleiano, nota-se a necessidade de sempre se falar no plural,

¹ A origem do lema “Jesus salva, cura, batiza com Espírito Santo e em breve voltará”. *Jornal Mensageiro da paz*, Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), jun, 2011. p. 21.

² Falar em línguas estranhas como resultado do batismo com o Espírito Santo. Prática de falar línguas (At 2; 1 Co 12; 14). Alguns cristãos a consideram um dom do Espírito Santo a ser praticado ainda hoje (ERICKSON, Millard J. *Dicionário popular de teologia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. p. 87). De um composto grego que significa “falar em línguas” (*laleo*, “falar”, e *glossa*, “língua”). A glossolalia, capacidade sobrenatural de falar numa língua até então desconhecida do falante, é registrada pela primeira vez na Bíblia no Dia de Pentecostes (At 2). Posteriormente o apóstolo Paulo se referiu à glossolalia como dom especial do Espírito, concedido a alguns cristãos, devendo ser praticado para a edificação da igreja. Durante toda a história da igreja tem havido constantes debates sobre a verdadeira glossolalia: ou cessou no final da era apostólica, ou continua sendo dom legítimo que deve ser praticado em nossos dias. (GRENZ, S. J.; GURETZKI, D.; NORDLING, C. F. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 2001. p. 62).

pentecostalismos. Essa fragmentação se deu pelo dinamismo de tal movimento e pelos conflitos entre as lideranças eclesiais, já que a forma de gestão desta igreja se dá por meio do povo. (ALENCAR, 2000) A história do pentecostalismo brasileiro se divide em três períodos ou, como descrevem os especialistas, em três ondas distintas:

[...] O período clássico, ou primeira onda, em torno de 1910 a 1950, enfatizou principalmente o segundo batismo no Espírito Santo após a conversão, o falar em línguas e o uso e costumes. A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil são as maiores denominações que vieram desse período e, atualmente, são as duas maiores denominações evangélicas do país. A segunda onda, embora construída sobre a onda anterior, diferiu por focalizar a cura divina, mostrando um forte interesse em demônios e exorcismo, e reduzindo os rígidos usos e costumes na maioria dos casos. A Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Igreja Pentecostal Deus É Amor são os grupos mais relevantes provenientes desse período [...] O neopentecostalismo, a atual terceira onda, começou em 1977 com o início da Igreja Universal do Reino de Deus. (BLEDSOE, 2012, p.58)

A formação protestante brasileira se deu, majoritariamente, através da imigração, vinculada a questões predominantemente étnicas e no contexto do desenvolvimento da nação brasileira. As primeiras manifestações do protestantismo histórico foram seguidas por articulações do protestantismo de missão, e, em seguida pelo pentecostalismo, e, mais recentemente, pelo neopentecostalismo. (ALENCAR, 2005, p. 26)

A *primeira onda* do pentecostalismo brasileiro, com ênfase no Batismo com o Espírito Santo,³ teve uma conotação bem distinta do protestantismo que se concentrou no acompanhamento do imigrante europeu marginal. Tinha uma mensagem de pobres para pobres e incultos e não um tom modernizante, pois surgiu entre os negros nos Estados Unidos da América. Tal discurso, mediado pelos imigrantes, também pobres e marginalizados, atingiu os pobres e marginalizados brasileiros. Daniel Berg e Gunnar Vingren alcançaram, na maioria, ex-escravos e seus descendentes, nordestinos e seringueiros desempregados, que voltavam aos seus municípios de origem com a mensagem

³ Batismo com o Espírito Santo: bênção que, segundo João Batista, acompanharia o ministério de Jesus (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16). Ocorreu no Pentecostes, e Lucas interpretou como o cumprimento de Joel 2.28-32 (cf. At 2.16-21). Alguns ensinam que esse batismo é um ato especial do Espírito Santo, posterior à regeneração; outros, à luz de 1 Coríntios 12.13, creem que todas as pessoas regeneradas passaram por esse batismo. (ERICKSON, 2011, p. 23.)

pentecostal que atingiu todo o país em menos de 20 anos.

No seu início, foi bem homogêneo, o pentecostalismo acabou sendo construído com uma liderança forjada não em instituições de ensino, com uma teologia importada, mas na própria prática eclesial com muita pobreza e perseguição. O pentecostalismo, com uma tendência teológica nascida do fundamentalismo religioso, não tem esperança ou boa vontade para com o mundo já que enfatiza uma tendência escatológica em sua doutrina. (ALENCAR, 2005, pp. 45-47)

A expansão pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil se deu por meio de um trabalho liderado por leigos, motivado pelo fenômeno urbano, com características da marginalidade social e eclesial. Conforme as ideias clássicas sobre a religião no século XX, alguns elementos constituíram-se primordiais para a expansão e o crescimento do pentecostalismo no Brasil. Com o carisma e a simplicidade da mensagem levada por seus/suas adeptos/as, o acolhimento dos/as deserdados/as e os marginalizados da sociedade, os pentecostais começaram a fortalecer tal movimento que se deu com pouca fundamentação bíblica, mas uma reorganização, um ajuste urbano.

Tal movimento se deu por conta da urbanização e da migração da zona rural às zonas urbanas. Provocando a quebra de paradigmas que precisariam ser ultrapassados e problematizados, conforme apresenta Alencar, antinomias igreja-seita, pobre-rico, racional-místico. (ALENCAR, 2010) Duas características fundamentais marcaram o movimento pentecostal como algo novo, que visava responder à procura de forma adequada: um movimento que nasce frente a uma sociedade cada vez mais urbana; e ser, ainda em seu início, um fenômeno inter-racial.

Conforme Alencar (2010), o surgimento e o crescimento do pentecostalismo foi motivado pelo fenômeno urbano, caracterizado pela marginalidade, social e eclesiástica, dos mesmos que o iniciaram. Este movimento deu voz e poder àquelas que, na igreja, e também na sociedade, especialmente as mulheres, eram destituídas desta autonomia, o livre acesso aos textos sagrados das Escrituras, a glossolalia, a aproximação e o contato direto com o divino, a gestão autônoma de bens simbólicos, que eram formas de empoderamento.

O primeiro movimento de implantação da Assembleia de Deus nasceu com características fortemente sectárias, segundo o que descreve Alencar, baseado na perspectiva de Weber e Troeltsch. (ALENCAR, 2010) A Assembleia de Deus já nasceu de uma dissidência da Igreja Batista de Belém, definindo-se como única portadora de adesões voluntárias, evidenciou a “experiência do sagrado selvagem”, eximindo-se de qualquer institucionalização ou normatização. Por meio da adesão do carisma como “padrão e norma” de gestão eclesiástica, a Assembleia de Deus desenvolveu a “síndrome

de marginal”, como um movimento marginal às instituições religiosas tradicionais, que alimentavam certa “aversão ao mundo”, à cultura secular e à participação na sociedade, com a justificativa da escatologia iminente e a teologia milenarista.

Daniel Berg e Gunnar Vingrem substituíram o pastor batista local, inicialmente em pequenas reuniões de oração. Estas tinham como característica principal a glossolalia, adotada pelo pequeno grupo formado de pessoas excluídas da Igreja Batista. Conforme descreve Conde:

Após empolgantes acontecimentos que duraram exatamente dez dias, o pequeno grupo, no dia 18 de junho de 1911, convidou Daniel Berg e Gunnar Vingrem a comparecerem à Rua Siqueira Mendes, 67, em Belém. Com estas 17 pessoas, expulsas arbitrariamente da Igreja Batista, funda-se a Assembleia de Deus que, nas décadas seguintes, causaria admiração e espanto ao mundo inteiro pela pujança de seu crescimento. Em tudo isso pode-se notar a mão de Deus operando através de homens e mulheres humildes. Como se vê, esta obra não pertence a homem algum, mas a Deus somente. A nova igreja estava livre para evangelizar. E, ousadamente, anunciava a salvação, a cura divina, o batismo com o Espírito Santo e a volta de Jesus Cristo para buscar sua Igreja. Estavam todos cheios do poder de Deus. Em resposta às suas orações, o Senhor operava sinais e maravilhas. Vivificando cada testemunho e sermão, o Espírito Santo convencia os mais vis pecadores. (CONDE, 2011, pp. 37-38)

Tal grupo iniciou com o nome de Missão da Fé Apostólica, e sem nenhum aporte institucional cresceu espantosamente. Crescimento devido, principalmente, ao fim do ciclo da borracha, que proporcionou o retorno de tais famílias para o nordeste e sudeste do país, iniciando pequenas comunidades que resultaram em uma expansão aleatória e não planejada, devida principalmente a pessoas autônomas, leigas, que estavam à margem da sociedade. (ALENCAR, 2010, pp. 64-65)

A falta de orientação de uma liderança que norteasse o modelo gestacional de uma instituição resultou em um crescimento sem um padrão. A transição da liderança estrangeira para uma liderança brasileira se iniciou como uma disputa de poder entre as lideranças suecas e brasileiras, e a principal questão do movimento, o processo de institucionalização do movimento em uma igreja.

Os conflitos de poder entre as lideranças suecas e brasileiras, e com mais um grupo de americanos, que interveio em tal disputa, evidenciam-se com maior tensão com o processo de institucionalização da igreja, entre o período de 1930 e 1949. Daí ser possível afirmar que as principais

raízes da Assembleia de Deus no Brasil não são a igreja homônima norte-americana, organizada a partir de uma confederação de igrejas pentecostais de brancos naquele país. Assim, conforme Campos, a expansão pentecostal foi um trabalho liderado por leigos, um “pentecostalismo autônomo”, e sua propagação dependia muito mais dos esforços laicos e livres das organizações missionárias, que quase sempre eram pressionadas pelas burocracias clericais. (CAMPOS apud ALENCAR, 2000, p. 15)

A influência da igreja Filadélfia de Estocolmo, na Suécia, na Assembleia de Deus brasileira se deu até a década de 1930, devido, principalmente, à influência financeira. Por conta dessa dependência, tentava-se dominar as decisões de gerência desta igreja. A liderança brasileira, no entanto, era gerida de forma diferente, pois se dava por meio do carisma e não por meio da lei, visto que o domínio carismático era um dos principais fatores no âmbito gestacional. (ALENCAR, 2010, p. 16)

A partir daí, a denominação sofreu um fracionamento em ministérios distintos, geridos pelos “donos carismáticos vitalícios”. (ALENCAR, 2010, p. 49) Ocorreu a “afinidade eletiva” entre o coronelismo nordestino e o fracionamento da igreja em pequenos ou grandes feudos, com representações em ministérios distintos. Tudo isso pautado em um *ethos* espontaneísta e gestões com ênfase no carisma.

Assim, iniciou-se um processo de institucionalização e luta pelo poder que gerou uma crise de identidade por causa das influências suecas e americanas. Não existia uma identidade brasileira até então, mas sim um grupo social sem definição e com problemas estruturais próprios desse tipo de organização e época. Iniciou-se um processo de “pentecostalidade fundante” influenciado por fatores sociais, políticos e econômicos. (ALENCAR, 2010, p. 50)

A Convenção de 1930, convocada pelos brasileiros contra a vontade dos suecos, teve como pano de fundo a disputa pelo poder entre brasileiros, os quais visavam uma organização nacional, e os suecos, que visavam um congregacionalismo na direção da igreja.

Politicamente, numa época em que apenas os homens votavam e eram votados, a AD apenas seguiu o modelo de liderança masculina. Aliás, algo comum em todas as igrejas protestantes e católicas. E nisto, mais uma vez, o assembleianismo brasileiro se distanciou do pentecostalismo e do assembleianismo norte-americano. Lá, desde o início, as mulheres exerceram liderança. Aqui, nunca (apesar da tentativa de Frida Vingren, de acordo com o que dizem a respeito dela). (ALENCAR, 2010, p. 109)

Sob a sombra de Frida Vingren, a Convenção definiu que, somente de forma excepcional, as mulheres poderiam assumir funções pastorais, marcando um alargamento do poder dos brasileiros na Assembleia de Deus no Brasil. Gradualmente, os suecos foram sendo substituídos do poder decisório na igreja, resultando no fracionamento e nas definições de ministérios, como feudos loteados pelas lideranças carismáticas que agregavam em torno de si congregações mais periféricas, ficando a elas subordinadas. (ALENCAR, 2010, pp. 123-125)

A oficialização da igreja se deu em ministérios (feudos), os quais impunham seu estilo, sua doutrina e seu poder em meio a conflitos internos. Seu crescimento se deveu à facilidade com que ela se acomodou à cultura brasileira, pelo êxodo rural, pela vinda de nordestinos para o sudeste do Brasil e sua inserção no campo da política.

2. A HISTÓRIA DE FRIDA VINGREN E A FUNDAÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Frida Vingren nasceu em 9 de junho de 1891 em Själev, Västernorrlands, região norte da Suécia. Era filha de Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin e tinha vários irmãos. Formada em enfermagem, foi chefe de enfermagem no hospital onde trabalhou e dedicou-se à arte fotográfica. O pai e a mãe eram luteranos. Tornou-se membro da Igreja Filadélfia de Estocolmo, igreja com a qual cooperava no serviço. Foi ordenada missionária e ensinadora da Bíblia, em 1917, nessa comunidade. (ARAÚJO, 2011, p. 37)

Impulsionada para o campo missionário, ingressou em um curso bíblico de oito meses no Instituto Bíblico, na cidade de Götabro, província de Närke. Logo após a revelação de que Gunnar Vingren deveria viajar para o Pará, Frida e Gunnar Vingren começaram a orar juntos pedindo confirmação de Deus para a chamada missionária ao Brasil. (ARAÚJO, 2011, p.37)

Frida estava sendo enviada como missionária, pela igreja Filadélfia, em Estocolmo, com o objetivo principal de evangelismo e ensino no campo missionário. Após cinco anos de atividades missionárias, encontrou-se com Gunnar Vingren na Suécia. Sua principal tarefa, a princípio, era a de professora de estudos da Bíblia. Antes de voltar ao Brasil, encontrou-se com Gunnar Vingren nos Estados Unidos, no dia 12 de junho de 1917. No dia 16 de outubro de 1917, ocorreu o casamento de Frida e Gunnar Vingren. Ele tinha 38 anos de idade e ela 26. (ARAÚJO, 2011, p. 38)

Os fatores mais difíceis de superar na chegada ao Brasil foram o clima, as dificuldades com a

moradia e a alimentação, pois Gunnar e Frida não estavam habituados ao clima quente dos trópicos. Tal questão influenciou na saúde do casal, pois não estavam acostumados com os gêneros alimentícios do Brasil, e, muitas vezes, por causa da dificuldade do idioma e falta de apoio à missão, não dispunham de outro meio de renda, chegando a comer, inúmeras vezes, somente banana com farinha.⁴

Em março de 1920, a situação se complicou ainda mais com a contaminação por malária e o esgotamento físico de Frida Vingren, chegando ao ponto de estar entre a vida e a morte. Por esse motivo, fizeram o primeiro retorno à Suécia em 1921, visando uma recuperação do vigor físico e da saúde do casal. (ARAÚJO, 2011, p. 39)

Quando regressaram ao Brasil, depois de sete anos no estado do Pará, o casal foi transferido para o Rio de Janeiro. Logo em seguida inauguraram o primeiro templo das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro, proporcionando atividades evangelísticas que viabilizaram a abertura de novos templos. Frida, nesse período, já estava atuando nas atividades da igreja, como atividades evangelísticas, leitura bíblica, direção do grupo de oração, grupo de visitas, direção da Escola Bíblica Dominical e direção de alguns cultos.

Assim como no caso de Frida, é importante notar a presença das mulheres na direção dos cultos e na pregação bíblica, apesar de não terem a função eclesiástica reconhecida estatutariamente. A história narra que as mulheres foram fundamentais no início da fundação, formação e expansão das Assembleias de Deus no Brasil. Portanto, não se pode ignorar a questão do ministério feminino na igreja. Os relatos históricos descrevem as mulheres atuando dinamicamente no ministério do ensino e da proclamação do evangelho. E, além disso, a participação da produção de textos publicados nos primeiros anos da igreja demonstra a capacidade das mulheres para a palavra escrita, e não somente nas atividades práticas.

Frida ainda colaborou com a composição de 24 hinos que são encontrados na Harpa Cristã. Tinha um temperamento enérgico em tudo, o que teria contribuído, por diversas vezes, para que ela tomasse atitudes que desagradavam a muitos, provocando um ressentimento por parte dos pastores brasileiros. Algumas versões históricas, de origem assembleiana, concebem a posição de Frida Vingren como uma companheira fiel de Gunnar Vingren; já outras versões esposam uma visão de claros tons misóginos sobre sua postura, a qual seria "autoritária" e "metida", dirigindo a igreja na ausência do marido, e, segundo alguns, também na presença deste, vindo a falecer enquanto internada em um hospício. (ALENCAR, 2010, p. 187)

⁴ Pó obtido com a moagem de mandioca.

Por conta de complicações de saúde, não muito divulgadas, Frida e Gunnar tiveram que voltar para a Suécia, no dia 16 de setembro de 1932. Viajaram a bordo de um navio, estando Gunnar gravemente enfermo. Foram para um hotel em Estocolmo, no Sul da Suécia, gerenciado pelos pastores que os enviaram ao Brasil. Logo em seguida, Frida perdeu seu esposo. Mesmo assim, na despedida do Brasil não se arrepende, como ela mesma descreve:

[...] Sim, as lembranças vêm com impetuosidade sobre mim, e sinto-me profundamente emocionada [...] Acompanhando todo o seu sofrimento, eu tinha o pressentimento de que sua partida ia acontecer em breve. Agora sei que somente Jesus poderá me ajudar a suportar essa separação. Não faz ainda um ano que enterrei minha filhinha Gunvor em solo brasileiro [...] É tanto com alegria, como com profunda dor que escrevo sobre os últimos momentos do meu querido esposo e a sua partida. Ele não está mais conosco; partiu para estar com o Senhor. (VINGREN, 2011, p.236)

Conseqüentemente, dois anos depois, ela adoeceu gravemente de uma enfermidade que a fez sofrer por cinco anos. Em pouco tempo, no espaço curto de um ano, Frida perdeu sua filha e seu marido, questões que lhe abateram a alma, fazendo-a sofrer muito mais até falecer em Estocolmo, vítima de câncer, em 30 de setembro de 1940. (ARAÚJO, 2011, p. 41)

3. FRIDA VINGREN E O DEBATE SOBRE ORDENAÇÃO DE MULHERES

A fundação da Assembleia de Deus ocorreu em 18 de junho de 1911 por dezoito pessoas. Segundo Isael Araújo, dez dessas pessoas eram mulheres, ou seja, 55% do grupo fundador. (ARAÚJO, 2011, p. 9) Quase todas as mulheres vindas da Suécia, no período de 1910 a 1930, foram ordenadas evangelistas, com destaque para Frida Vingren.

No ano de 1930, na quinta Convenção Geral das Assembleias de Deus, foi efetuada a “entrega” do trabalho pelos suecos aos brasileiros e discutido o Ministério Feminino, com a presença de dezesseis pastores. (ALENCAR, 2010, p. 118) O debate sobre o trabalho feminino foi um dos principais temas abordados naquela convenção. O tema foi defendido por um dos fundadores da Assembleia de Deus, Gunnar Vingren, que havia separado Emília Costa como a primeira diaconisa das Assembleias de Deus no Brasil, no Rio de Janeiro, gerando certo desconforto entre os líderes

assembleianos. (ARAÚJO, 2011, p. 10) Houve conflito com Samuel Nyström, que se opôs à proposta. Houve divergência entre os convencionais a respeito do tema a respeito da ordenação de mulheres ao ministério pastoral, pois as pregadoras da convenção eram Frida Vingren e Adina Nelson, a última esposa do missionário Otto Nelson.

O debate se estendeu e Frida Vingren, depois de ser advertida por Samuel Nyström, por meio de uma carta que expunha sua posição contrária a respeito de tal tema, resolveu, no mesmo dia, no culto à noite, realçar sua posição pregando com o seguinte tema: “Concernente aos dons espirituais e ao direito de a mulher falar na igreja”. (ARAÚJO, 2011, p. 10) O assunto gerou um conflito, pois Samuel Nyström não concordava que as mulheres pudessem pregar, muito menos ensinar na igreja, somente testificar, ou seja, testemunhar. Esse debate resultou em tensões entre Samuel Nyström e Gunnar Vingren, uma vez que Nyström afirmava não ser bíblico a mulher pregar, ensinar e doutrinar. Porém, Vingren matinha sua posição afirmando que

[...] o Senhor chamou homens e mulheres para o serviço do evangelho, para ganhar almas e testificar do seu amor. [...] Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Björka, Smaland, Suécia, há quase trinta anos. Depois veio uma irmã dos Estados Unidos e me instruiu sobre o batismo no Espírito Santo. Também quem orou por mim para eu receber a promessa foram irmãs [...]. (VINGREN *apud* ARAÚJO, 2011, p. 11.)

Apesar das divergências, Nyström e Vingren continuaram trabalhando juntos até Vingren partir para a Suécia, onde faleceu. A história relata que, apesar da posição contrária de Nyström, isso não o impediu de trabalhar com uma mulher, (ARAÚJO, 2011, p. 12) conforme ele próprio descreve em uma carta: “A irmã Frida Vingren e eu trabalhávamos em colaboração. Muitos foram salvos e batizados nas águas e Jesus continuava batizando no Espírito Santo” (VINGREN *apud* ARAÚJO, 2011, p. 12.), continua ele assim:

Algumas dificuldades haviam surgido quanto à direção do trabalho. Não era de admirar que houvesse aparecido divergências, uma vez que os irmãos brasileiros possuíam opiniões e experiências diferentes. Embora os obreiros nacionais tivessem sido muito abençoados pelo Senhor na sua chamada e tarefa, haviam surgido dificuldades que se acentuaram quando a responsabilidade do trabalho foi sendo transferida, paulatinamente, dos missionários para os obreiros brasileiros,

apesar de a obra ter sido realizada com plena compreensão e harmonia entre as partes. (VINGREN, 2011, p. 161)

Na Convenção Geral de 1930, foi homologada a declaração sobre o “ministério da mulher”, que afirmava que elas tinham o direito de participar na obra evangelística e no ensino, quando necessário, mas sem exercer a função de pastora de uma igreja ou na área de ensino, salvo em casos excepcionais, conforme Mateus 12.3-8. (VINGREN *apud* ARAÚJO, 2011, p. 12.)

No jornal Mensageiro da Paz,⁵ Ano I, n. 3, de 1^o de Fevereiro de 1931, um ano depois da convenção, foi publicado um texto de Frida Vingren com o título: “Deus mobilizando suas tropas”. O objetivo do artigo era convocar as assembleianas a não aceitarem passivamente a decisão imposta pela Convenção Geral. (ARAÚJO, 2011, p.12.) Frida foi proibida de pregar e ensinar na igreja, porém continuou determinada manifestando-se contra as decisões que restringiam o ministério feminino, conforme ela relata em seu texto:

Despertemo-nos, para atender o chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As irmãs das “assembléias de Deus”, que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e, portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se que precisam fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também, quando chamadas pelo Espírito Santo, sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, país pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe um grande número de irmãs evangelistas, que saem por toda parte anunciando o Evangelho, entrando em lugares novos e trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do

⁵ O Jornal Mensageiro da Paz começa a circular na década de 30. Em 1940, o presidente Getúlio Vargas exigiu, através de um decreto, que todos os jornais fossem registrados no Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), órgão que regulava a imprensa. O decreto estabelecia também que somente entidades com personalidade jurídica poderiam possuir jornais. Visto isso, para não ter que interromper a veiculação do jornal MP, o missionário Samuel Nyström, então pastor da AD de São Cristóvão (RJ), pediu ao presbítero Lauro Soares que providenciasse a elaboração de um estatuto de uma Casa Publicadora e que fizesse o seu devido registro em cartório. Feito isso, nasceu a CPAD que se tornou a proprietária do Mensageiro da Paz. No ano de 1946, a gráfica que imprimia o jornal MP estava para ser desapropriada. Por esse motivo, a CGADB lançou a “Campanha do Milhão” em favor da Casa para a aquisição de uma máquina tipográfica. Outra medida tomada pela Convenção Geral foi o estabelecimento do dia 7 de setembro de cada ano como o “Dia da Casa Publicadora”, ocasião em que as Assembleias de Deus de todo o país recolhiam ofertas especiais para a CPAD. Foi isso que fez com que por muitos anos a editora pudesse se manter, apesar das muitas demandas e dificuldades que foram surgindo. Em janeiro de 1949, o Mensageiro da Paz passou a ser impresso pela editora em suas próprias impressoras. Disponível em: <<http://www.centenarioadbrasil.org.br/historia.php?s=5&i=71>>. Acesso em: 14 jun.14.

Senhor, aonde há uma porta aberta. (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o pastor Lewi Pethrus falar desse assunto sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer? Creio que não. Será falta de coragem? Na “parada das tropas” a qual teve lugar aqui no Rio, depois da revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do estado de Minas Gerais, as quais tinha se alistado para a luta. (MENSAGEIRO DA PAZ, 1º fev. 1931, p. 6)

O ano de 1946, segundo Gedeon Alencar (2010, p. 51), marca a maioria da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Essa avaliação está baseada na expansão nacional e na mudança de comando da Igreja que passou para o comando de lideranças brasileiras atreladas à materialização de um órgão de imprensa próprio e oficial, no âmbito nacional, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).

Em 1980 e 1990, conforme Araújo (2011, p. 13), várias igrejas, congregações locais, passaram a ordenar mulheres para o cargo de diaconisas, e em alguns casos até para dirigir congregações. Nesse contexto, o tema também voltou a ocupar as assembleias convencionais da Convenção Geral das Assembleias de Deus. Em 1983, o tema foi rejeitado por unanimidade pelos convencionais. O tema foi novamente levantado em 2001, na Convenção de Brasília, onde mais uma vez foi rejeitado.

Apesar da rejeição da ordenação feminina, independentemente de cargos e títulos, as mulheres têm sido essenciais no desenvolvimento e expansão das Assembleias de Deus no Brasil. Sua contribuição não pode ser negligenciada apesar das opiniões divergentes a respeito da ordenação feminina. É evidente a contribuição que as mulheres têm dado a igreja desde a sua fundação.

O contexto histórico da época é um período de forte dominação patriarcal. O contexto assembleiano estava impregnado pela sociedade que impunha um autoritarismo na liderança da igreja. A liderança acabava de passar por um período transitório do comando e liderança dos suecos para as mãos dos brasileiros, “os caciques” e mandantes que impunham seus estilos e modelos na gerência desta igreja, conforme Alencar (2010, p. 57). Isso resultou em influência decisiva da rejeição do ministério ordenado feminino.

Apesar de todo o esforço e empenho, Frida foi incompreendida e demasiadamente criticada. Mas apesar de tudo isso, as críticas não podem apagar a história. Frida Vingren foi uma mulher que, apesar de não ocupar um cargo institucionalmente legitimado, desempenhou um papel fundamental na origem, na implantação e na militância da denominação religiosa, conforme ela demonstra em uma

carta de despedida do Brasil, logo após perder seu esposo:

Peço as vossas orações por mim, para que o Senhor me guie até o meu último dia na terra. Meu desejo é continuar trabalhando na seara do Senhor, onde Ele quiser dirigir-me. Amo grandemente esse país onde passei tantas lutas, mas também onde recebi inúmeras bênçãos do Senhor durante dezesseis anos de trabalho ao lado do meu esposo. Também tenho no solo brasileiro uma pequena filha enterrada, dormindo o último sono. Tudo por amor a Jesus! Que Deus abençoe os meus queridos irmãos no Brasil! – esta é a minha contínua oração e desejo. Vossa irmã em Cristo, Frida Vingren. (VINGREN, 2011, p. 240)

4. A HISTÓRIA DE RUTH DORIS LEMOS E A FORMAÇÃO DA LIDERANÇA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Ruth Lemos nasceu em 10 de junho de 1925, em Barron, Wisconsin. Descendente de noruegueses, aos 16 anos, recebeu o chamado missionário e aos 18 anos, foi para o Instituto Bíblico com o pensamento de ir para o Japão. Após a conclusão do curso teológico, foi trabalhar com o irmão em uma igreja em Turlock, oeste da Califórnia, já credenciada pela Assembleia de Deus norte-americana para exercer o cargo de ministério pastoral. (ARAÚJO, 2011, p. 174)

Evangelizava e pregava na ausência do pastor titular. Sua função principal era a de cuidar das crianças, dos jovens e da música, já que era formada em piano. Em sua igreja, conheceu João Kolenda Lemos, seu futuro esposo. Casaram-se em 11 de junho de 1950 e foram morar no estado de Michigan, onde assumiram o pastorado de uma Assembleia de Deus de língua inglesa. Foram transferidos para o Brasil em 27 de junho de 1951, vindo a residir no Rio de Janeiro. (ARAÚJO, 2011, p. 174)

No início, o casal teve alguns conflitos na receptividade da liderança das Assembleias de Deus no Brasil. Planejaram implantar um Instituto Bíblico para auxiliar na formação dos obreiros, já que esse era um dos principais objetivos do casal. Entre 1951 e 1955, o casal foi trabalhar na CPAD e na cooperação do programa de rádio “Voz das Assembleias de Deus”, com o missionário N. Lawrence Olson.

O Pastor Kolenda teve uma importante atuação na parte literária da igreja, principalmente nas primeiras revistas de crianças da Escola Bíblica Dominical, sendo que Ruth Dorris e Cacilda Brito, uma cooperadora da igreja, escreviam comentários revisados por Kolenda. Ruth Dorris Lemos

trabalhava com o ensino das crianças na Escola Bíblica Dominical, como regente de coral e fazendo traduções, principalmente de hinos.

Em 1957, retornaram aos Estados Unidos, onde nasceu o primeiro filho. Depois retornam ao campo missionário no Brasil, com o mesmo intuito desde o início - fundar um Instituto Bíblico. Dessa vez, encontraram abertura e formaram uma equipe de pastores brasileiros junto com missionários e iniciaram a “Comissão de Instituto Bíblico” e escolhem Pindamonhangaba, interior de São Paulo, para fundar o Instituto das Assembleias de Deus (IBAD), em 18 de março de 1958, com oito alunos. (ARAÚJO, 2011, p. 175) Logo em seguida, nasceram duas filhas gêmeas, Rachel e Rebekah Joyce, que, junto com seu irmão, também foram cooperadoras na qualificação e expansão da igreja, atuando na continuidade e expansão do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD).

O Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD) é uma instituição de ensino bíblico-teológico com ênfase missionária. Desde sua fundação, ela tem se dedicado à qualificação e preparo dos obreiros e obreiras que têm sentido vocação para atuarem no ministério eclesiástico. O IBAD foi fundado em 1958, sob a direção do casal de missionários João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos com o objetivo de treinar pessoas vocacionadas para o serviço cristão em suas múltiplas formas.

Desde sua elaboração, a instituição se mantém fiel a sua missão. Tem sido responsável pela formação de milhares de homens e mulheres que atuam em diversas funções eclesiásticas. É um dos pioneiros no ensino teológico de sua denominação, oferecendo vários tipos de cursos livres seguindo os princípios doutrinários da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Atento às necessidades educacionais da Igreja, o IBAD desenvolveu um projeto para atender a um público que deseja um maior conhecimento e preparo na Palavra de Deus, cujo lema é 2 Tm 2.15, pautado nos princípios bíblicos cristãos.

Desde sua fundação, Ruth Doris Lemos se dedicou à qualificação com o objetivo principal de educar, formar e ensinar aqueles que sentem o chamado de Deus para o campo missionário. Jornalista, formada em Teologia, Ruth Doris Lemos lecionava várias disciplinas, além de ser responsável pelo grupo musical e Coral feminino do IBAD. Tal contribuição na formação dos obreiros e obreiras tem sido importante no estabelecimento e expansão da igreja Assembleia de Deus. Mesmo depois de sua morte o IBAD continua atuante na formação e capacitação de obreiros e obreiras para o campo eclesiástico.

Atualmente, o filho, Mark Jonathan Lemos, é o diretor do IBAD, e suas irmãs, Rachel e Rebekah Joyce, casadas com pastores, continuam contribuindo para a qualificação e expansão de tal

igreja. Portanto, não se pode ignorar muito menos negligenciar a contribuição de Ruth Doris Lemos, uma mulher, que apesar de não ter o título de pastora, desempenhou a função de forma extraordinária na área do ensino e qualificação daquelas pessoas que lidam diariamente no labor da igreja.

5. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO MINISTÉRIO FEMININO NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Desde seu início, as Assembleias de Deus no Brasil tiveram como objetivo identificar-se com a ação do Espírito em solidariedade com os pobres, com posturas eclesiais fora do comum para a época e apresentando-se como um modelo novo. Apesar de perseguido no início, tal grupo resolveu fazer uma leitura de toda a perseguição e ridicularização de outra forma, transformando o “mal” em “bem”, e a partir daí se desenvolver.

A AD foi iniciada e construída pelos pobres, analfabetos e gente da periferia; os de fora viam isto pejorativamente. Mas os assembleianos “assumiram” estas categorias como “bênção” – era a marca legalizadora da verdadeira identificação com Atos dos Apóstolos. O novo convertido, que poderia ser um seringueiro do norte, um agricultor do nordeste ou um operário do sul, na AD não era apenas “mais um” a assistir aos cultos; ele era participante da celebração. Afinal, era uma celebração da qual ele entendia. (ALENCAR, 2010, p. 156)

Por meio de uma forma simples, valorizando a experiência, constroem-se os fundamentos dessa igreja. Conforme descreve um dos seus principais fundadores, Gunnar Vingren, em uma pregação em 1922, na Suécia: “Experiências, uma fé simples e verdadeira obediência aos mandamentos do Senhor”. (VINGREN apud ALENCAR, 2010, p. 156.)

A participação das mulheres desde a origem, implantação e militância como também na educação, formação e ensino das Assembleias de Deus no Brasil foi fundamental, ainda que, conforme a história relata, de forma indireta. No Brasil, infelizmente não se consagram mulheres ao cargo pastoral nas Assembleias de Deus, ainda que muitas mulheres exerçam tal prática. Estatutariamente, tal cargo e função só são dados aos homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. com números de Strong. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

“A origem do lema 'Jesus salva, cura, batiza com Espírito Santo e em breve voltará’”. *Jornal Mensageiro da paz*, Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), jun, 2011.

ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

_____. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ARAÚJO, Isael de. *100 Mulheres que fizeram a História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BATISTA, Israel. Para brotar, a Semente deve morrer. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e Ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009.

BLEDSON, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro: IURD: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira apud ALENCAR, Gedeon. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

CONDE, Emílio. *Histórias das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ERICKSON, Millard J. *Dicionário popular de teologia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

GRENZ, S. J.; GURETZKI, D.; NORDLING, C. F. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 2001.

VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.